

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUIDOR

32-sobrado-32

CORTE

Trimestre	55000
Semestre	105000
Anno	205000

PROVINCIAL

Semestre	115000
Anno	215000
Avulso	15000



Entre a bigorna e o martello.

"O chaco... o chaco... ou aliás
veremos quem tem garrafas
vazias para vender."

"Um sudistacão... ou meus
conhecidos façam o diabo."

A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 3 de Fevereiro de 1872.

Se lhes contar o que se passou, não ha muito tempo, na Misericórdia, hão-de naturalmente dizer-me no tom da maxima incredulidade:

—Ora qual!

—Asseguro-lhes.

—Não é possível!

—Tanto é, que aconteceu!

—Boatos! Intrigas sômente! Como é que n'um estabelecimento d'aquella ordem, com chefes tão intelligentes e zelosos do cumprimento de seus deveres, pôde dar-se cousa semelhante?

—Porém affirmo-lhes....

—Não affirme nada! E' falso, archifalso que uma irmã de caridade ministrasse por... descuido... a diversos enfermos *gravis de chumbo de capa* em vez de pilulas de *proto-iodureto de mercurio de Ricord*....

—Pois ministrou!

—Qual! Não haveria cataceo que no escuro confundisse uma cousa com outra. Demais....

—Entretanto houve a confusão, e foi um dos proprios enfermos, victima d'ella, que a denunciou ao medico, mostrando-lhe a *plumbea esphera-einha*, com que nós, que não somos nem doentes da Misericórdia, nem medicos, nem irmãos de caridade, nem cousa que o valha, só nos servimos para matar tico-ticos, e que da noite para o dia foi arvorada em *proto-iodureto de mercurio* pela piedosa enfermeira.

—Sim? E quando foi isso?

—Não ha um mez ainda.

—A irmã de caridade foi logo posta no olho da rua, não?

—Não!

—Mas então ficou sem punição um descuido, que podia ter consequencias tão funestas?

—Qual!

—Logo vi! Logo vi! Conte-me, então, o que houve, que providencias se derão para evitar repetição do facto, que pena inflingio-se ao culpado para exemplo dos outros empregados, e quem foi o punido?

—A irmã de caridade nada soffreu por ser, coitada! uma pobre senhora; o enfermeiro tambem não, por ser, coitado! um pobre homem; os empregados superiores ainda menos, porque, coitados, nenhuma culpa tinham no engano!

—Homem de Deus! Basta do pernilongas considerações, de infinitos rodeios! Não vê que es-

tauro de curiosidade, se não me conta já a cousa pã-pã, queij? Digame: diga-me sobre quem cabirão as justas iras do Exm. Sr. provedor? Fale! Fale!

—Ora, sobre quem mais havia de ser, senão sobre o medico, a quem um dos enfermos; *chumbatis casibysante* disse que não podia *engolir ta' pilula*, e que foi rehtar tudo ao *avetrar* d'ella da Misericórdia e mostrar-lhe o medicamento espingardoso como uma novidade na sciencia *hypoeratica*?

—Ora! ora! Então com que...!!!

Quem diria que tal havia de acontecer na Misericórdia e Corda! Quanto mais se cere, mais se vê!

Este dialogo não é meu nem nunca tive geito para invental-os.

Ouvi-o n'um bondi fechado do Jardim Botânico, e reproduzo-o com a possivel fidelidade.

O irmão de Mister Rayney, encarregado de negocios do Systema Ferry junto á côrte de Nithery, costuma puxar com suas proprias mãos a corda da sineta da ponte treze vezes:

A 1.ª é para avisar que *seu barca* vaie chegando a S. Domingos;

A 2.ª que chegou ali;

A 3.ª que de lá sahio;

A 4.ª que vai chegando á Praia Grande;

A 5.ª que atracou na ponte;

A 6.ª, que falta pouco para sahir;

A 7.ª, que ainda falta menos;

A 8.ª, que e-tá quazi, quazi!

A 9.ª, que vai dar o antepenultimo signal;

A 10.ª, que vai dar o penultimo;

A 11.ª, que vai dar o ultimo;

A 12.ª, que não espera por mais ninguém porque a outra barca se aproxima;

A 13.ª é afinal a ultima!!!

Treze! Treze repiques! Que conta, master Rayney!

Ainda bem que a gente do Sr. Fleiuss não é capaz de abusar assim da paciencia publica; não, senhores.

Tenho muitas vezes contado, uma por uma, as badaladas que dão para annunciar a partida de cada barca, e asseguro-lhes que, em vez de 13, dão (ã) sômente.... 12.

Pelo que não podemos deixar de ser-lhes muito gratos.

A respeito do proximo conflicto prusso-brasileiro, minha opinião é que, a exemplo do que fez Bismark em França, só devemos lançar mão de refens. O primeiro d'elles será o Sr. Hermann Haupt, e quando estourar a primeira bomba arremçada pelos couraçados allemães... zâs...

E creio que todos pensão como o

MANEJO.

Post-scriptum,

Consta por ahí que a questão prusso-brasileira está acabada.

Potanto o dito por não dito; e em todo o caso, antes assim.

O mesmo.

Julia Delépierre.

Se trato d'esta artista em artigo especial é que os talentos do eleição merecem honras espeziaes.

E da pleiade dos concertistas até hoje ouvidos no Rio de Janeiro de bem poucos sei, que, á imitação de Julia Delépierre tenham tanto direito ao elogio dos mestres, á admiração dos amadores e aos applausos do publico.

Não se trata aqui de um talento vulgar, ou da influencia, que a novidade de ver uma mulher bonita a tocar rabeca possa ter sobre o espirito das nossas platéas. Nada disso. Trata-se de uma virtuosa que transforma o mais ingrato dos instrumentos em manancial de sensações deliciosas; de uma artista para quem o fogo sagrado não é palavra vã de significação.

Ide ouvi-la, e vereis se é desacerto o que digo.

Escutai religiosamente aquelles sons ora festivos, ora plangentes, e dizci-me se é possível exigir-se mais suavidade, mais pureza, mais alma nos cantos dos grandes mestres, ou nos caprichos enfeitados de uma fantasia onde as notas se multiplicam e emmaranham do principio a fim!

Prestai attenção ao modo porque a notavel concertista, á imitação de Thalberg, sabe applicar ao seu instrumento, a arte do canto, e negai, se poderdes, essa disposição excepcional para a arte, essa divina scentella que lhe toca n'alma e lhe avigora o braço.

.*

Para quantos a ouviram já, Julia Delépierre é uma dos mais notaveis concertistas que tem vindo a esta corte.

E' prova disso não só a constante concurrencia que enche a sala do theatro francez todas as vezes que o nome de Julia Delépierre figura no programma da noite, como tambem o religioso silencio com que é ouvida e os applausos vehementes, de que o publico é prodigo ao terminar de uma cadencia nitidamente executada, ou de uma dessas phrases de Bellini ou Gounod, onde a inspiração do maestro se funde com a inspiração da concertista.

.*

Talentos como o de Julia Delépierre são sempre bem vindos.

Aprimaram o gosto e elevam a arte.

Ouvi Allard, Vicuxtemps, Sivori, Paul Julien e Sarazate. Tenho pois o direito de ser exigente.

Pois bem: excepção feita dos trechos onde a agilidade é elemento indispensavel, eu não duvido, nos andantes especialmente, de collocar o nome de Julia Delépierre ao nivel de qualquer desses semideuses da arte, cujo nome atravessa seculos e de quem todos fallam com enthusiasmo e veneração.

A.

Retalhos.

Dizem que a moda é uma deusa caprichosa, que abraça os seus favoritos até esmagal-os.

E assim é.

A questão, que cabe em voga n'este voluvel Rio de Janeiro, é discutida, apreciada, commentada e julgada, até que uma outra não lhe venha disputar o passo, apenando-a das auras da popularidade, que ella terá de ceder tambem por sua vez.

E' um continuo rei morto, rei posto.

A ordem do dia de hoje, por exemplo, é a febre amarella; amanhã esturá uma dançarina no Alcazar, e já ninguém discute a epidemia! As pernas pyramidaes de Mlle A..., á graça com que ella dança, o dinheiro que absorve, á claque que a sustenta, são os assumptos de todas as conversações.

Sobrevém um grande incendio, e Mlle A..., é absorvida do dia para a noite pelo commandante de bombeiros, que começa a occupar as columnas das folhas diarias!

Estiveram em moda as docas, que cederam o terreno da actualidade á viagem dos Augustos Imperantes. Veio depois a lei da emancipação do elemento servil, á qual succedeu com estrondo a questão das Irmas d' Ajuda. Sobre o tumulto d'esta elevou-se a gritaria contra a Estrada de Ferro de D. Pedro II; appareceu depois o conflicto allemão, e eis-nos occupados presentemente com o Rio da Prata, á espera do carnaval.

O culto ephemero das novidades é tributo que pagam todos os grandes centros de população.

Sendo assim, nada ha mais difficil que escrever uma chronica.

SERVICO

MORTUARIO

QUESTÃO DO DIA



Mutadouro publico



As três Passas.



Carro de 3ª classe.

Carro de 2ª classe

Carro de 1ª classe

Os preços variam segundo as distancias.

FABR

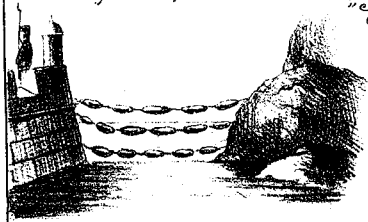
Preparativos bellicos.



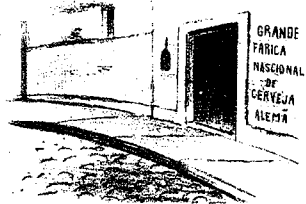
Testar se hão vigias em
todos os pontos para an-
nunciarem a aproximação
da esquadra prussiana.



la, da vida! Diga a que nácao
pertence, aliás metto-o no fundo.
"Não é não, não sinto."
É canção de pescador.



A imitação de Humayta, tres
correntes (de choveiros) abraça
santo a barra, e tal torção
nao res allomao que resista.



As fabricas de pólvora
nao flocas que fazer, mas
as de cerveja, te tabalhano.
noute e dia.



Em vista dos planos apresentados
pela Reforma e Republica o governo
entregará a esses dois comités de
organ. da opinião publica a direcção
geral da guerra.

mas o Dr. Soman, allomão de
nascença e muito pratico nos lais
chamados do general Bismarck, não
testara, já dos com seu mologas
contra Somanarito revolucão.

Ha por ahi alguém que ainda se lembre da guerra do Paraguay?

Dirigi essa pergunta áquelles que marchavam outra-vez á frente de bandei- ras musicas, atacando foguetes, dando vivas, e fazendo discursos pelas ruas embandeiradas do Rio de Janeiro; nos bardos de longas cabelleiras merovingianas, o que recitavam estropiados versos dos palanques illuminados; aos pollicios que especularam a na Languarina rivalidade de dois grandes generaes, e elles vos responderão:—Sim, temos uma idêa vaga d'essa guerra....., foi ha tanto tempo!!

Interrogai, porém, á viraz, que perdeu o arrimo da casa naquella luta cruenta; á mãe, que chorou o filho, orgulho da patria; ao que se bateu como um bravo, honrando o pavilhão brasileiro, e nos que mendigam por ahi o obolo da caridade, cheios de honras e cicatrizes, e elles vos dirão:—Jamais esqueceremos esta pagina da nossa historia!

O leitor não levará a mal que eu venha recordar um dos episodios mais brillantes dessa guerra, que para muitos já assumiu as honras de ser discutida no Instituto Historico,—associação importantissima, que tem por fim baralhar e confundir a historia do Brasil.

Se alguém ainda se lembra, que passamos Humaitá, deve se recordar tambem que o encouraçado *Bahi* foi um dos herões desse feito.

Pois bem; no dia 20 desse mez, a convite do tenente José Carlos de Carvalho, dirigi- e á bordo do tal heróe, e ahi assisti a uma solemne festa, de que elle foi objecto e theatro.

Tratava-se nada mais, nada menos, que de dar ao glorioso navio a venera do Cruzeiro, com que fôra agraciado pelo governo imperial, e de distribuir pelas praças da guarnição a honrosa medalha da passagem de Humaitá.

— Ora isto já foi ha tanto tempo! dirá o leitor.

— O que querem? Já que os grandes orgãos calaram-se a tal respeito, é preciso que este pequeno relejo diga ao menos alguma coisa.

O *Bahia* trajava galas, todo por dentro e por fóra embandeirado, espelhando-se faceiro nas aguas dormentes do nosso porto.

E a vez do estrepido sinistro das balas, que eram atremessadas outra-vez das torres denegridas, vomitando a morte sobre os terríveis baluartes da tyrannia, paravam de seu soio, perfumado pelas flores, suaves harmonias executadas por uma banda de musica.

Dir-se-hia até que elle perdera o aspecto grave e severo de um encouraçado, para tomar as fórmas leves e ligeiras daquelle formoso bergantim, do que nos falla o poeta hespanhol e a inspiradas estrophes.

Em sua toilda viam-se formosas representantes d'esse sexo, que inspira versos aos poetas, idéas á palheta, e melodias aos sacerdotes da muza de Bellini e Donizetti.

O ceu era limpo e sereno, como nos romances. A triidade — mulher, luz e perfumes de que tanto abusão os modernos trovadores, estava alli dignamente representada.

Os gastronomos, que da toilda lançavam as suas visias para o alojamento dos officiaes, viam, em linha de batalha sobre profusa mesa, a triidade — croquettes, sandwiches e camarões, figuras obrigadas de todos os lanches.

A festa começou por uma missa resada, officinando o sacerdote em um singelo altar erguido na toilda.

Após a missa o commandante do *Bahia*, em conciso e eloquente discurso, fez a fé de officio do navio, pedindo em seguida ao capitão do mar e guerra Arthur Silveira da Motta, que, como official de patente mais elevada, que alli se achava, e como um dos herões do feito que se commemorava, fôsse depositar na caixa do lenç a venera do Cruzeiro, com que o navio havia sido agraciado.

Si ha condecoração bem ganha, é por certo aquella!

Muitos commendadores, que por ahi andam, e muitos titulares, que por ahi se arrastam, não poderão dizer outro tanto!

Seguiu-se depois a cerimonia da distribuição de medalhas pelas praças, orando depois os tenentes Carlos do Carvalho e Graça.

A festa terminou pelo *finis coronat opus* de todas as nossas festas,—por uma solemne cerimonia de queixos, em que, digno do passagem, os queixos não fôram a minima cerimonia!

Todos comeram, e beberam á excepção do condecorado, que ficou, no rigor do termo, a ver navios.

A novidade mais importante da semana, foi a terminação do conflicto Alencão, que já ia assumindo as proporções assustadoras de uma febre amarela.

Ainda bem.

Agora só temos que nos occupar com os conflictos que por cá se dão, e que são tão pequenos.

Só os da reforma judiciaria são bastantes para revolucionar todo o Rio de Janeiro!

E' um gosto ver como andam os processos de Herodes para Pilatos, dissentindo-se a cada momento competencias para despachos!

O carnaval bate-nos á porta.

Vem fanebre e taciturno, como um convite de enterro.

Até aabb.do.

7.

Assumpto de varias côres.

Falla-se de guerra.

Dizem uns que as náos de Bismark não tardam por ahi. Outros temem um conflicto serio entre o Brazil e a republica Argentina.

As noticias ultimamente recebidas dão por terminada a questão prusso-brasileira: mas ficão-nos ainda os negocios do Prata, cuja solução não é, por emquanto, possível prever-se.

Querem alguns que estas cousas tenham influido muito sobre a parte da nossa população mais propensa aos divertimentos. Eu porei sou de opinião contraria.

Quanto a mim ha só uma cousa capaz de explicar o *sans façon* com que o publico anda arredo dos theatros: é o calor.

Hoje, que a diplomacia é uma sciencia positiva, só se acredita em guerra quando as bombas rebentam, ou os hospitaes se enchem de feridos.

E tudo o mais são historias.

.*.

La eu pois dizendo que o calor traz o publico arredo dos theatros.

Tambem não é tanto assim.

Deem-lhe espectaculos attrahentes, que não lhes resiste o publico, embora tenha de suar copiosamente durante tres ou quatro horas.

No theatro francez, por exemplo, não escassêa a concorrência nas noites em que Julia Delepierre executa uma fantasia no seu violino excepcional ou toca uma walsa de concerto no seu *zithophone* modello. Não é tãohem menor o numero d'espectadores quando o nome de Tostée figura no programma, e o de Adrienne Duzer deixa entrever aos amadores da cançoneta espirituosa e da piruetta prolongada um mundo de delicias corcographicas.

Lá de operas comicas, embora bem cantadas, e rigorosamente ensaiadas, é que o publico não quer saber.

E' pena. Os grandes mestres da escola franceza. Adam sobretudo, que escreveu o *S' j' etais roi*, o *Farjadet* e o *Sourd*, tem direito a ser tratados d outra fórma.

Inaugurou-se o *Cassino Franco-Brésilien*.

Era enorme o calor na noite da inauguração, chovia a cantaros, mas a pezar d'essas *pequenas contrariedades* a sala encheo-se a mais não poder, e gente haveria nos jardins, se a chuva, por um desses caprichos que só a astronomia explica, os não tivesse tornado intransitaveis.

Na *troupe* contractada pelo Sr. Bricio ha tres artistas que agradaram deveras.

Mlle. Pons, e os Srs. Aufray e Désir.

A primeira tem as qualidades precisas das cantoras que de uma cançoneta sem valor positivo, fazem uma cousa que fanatiza o auditorio.

Não lhe falta voz, nem graça no modo de dizer.

O segundo é um maguão ás direitas, dotado de orgão vigoroso e pronuncia clara.

Na cançoneta (*um tanto fresquinho*) *Le grand ressort est cassé* mostrou exuberantemente que conhece de perto os bons modelos comicos da França, e conquistou immediatamente as sympathias de quantos se achavão na sala.

O terceiro (Mr. Désir) é uma segunda edição (talvez mais correcta e augmentada), de um certo *Senor Pépé*, de quem os habituéos do Alcazar guardam ainda boa lembrança.

Diz perfeitamente a cançoneta bregeira, e levanta qualquer das pernas até á altura do nariz.

Ha ainda na *troupe* outros artistas, que apezar, de todos os esforços que fizeram, não conseguiram tanto como os tres de que me occupei até agora.

A. DE A.

Café da America

52 RUA DO OUVIDOR 52

Soares & Meirelles

Café de *Moka*, legitimo!

Sorvetes da Siberia!

Lunchs opiparos!

Chocolate Marquis!

Chá da India! (recebido em direitura).

Presunto inglez!

Preços commodos.

(A nota da despesa vae sempre acompanhada de um sorriso gracioso.)

Typ de J. M. A. A. d'Aguar, rua da Ajuda n. 108.



JULIA DELEPIERRE

segundo una photographia de Pacheco.